



Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: as relações como meio de compreender a sociedade / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-474-0

DOI 10.22533/at.ed.740201610

1. Ciências sociais aplicadas. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: As relações como meio de compreender a sociedade”. São ao todo vinte e um artigos que apresentam pesquisas relacionadas as áreas de turismo, educação, política, trabalho, desenvolvimento econômico e um artigo relacionado a política pública de assistência social e direitos socioassistenciais.

Os temas são abordados a partir de diferentes perspectivas teóricas, e os autores e autoras propõe-se a identificar e analisar as relações existentes entre as temáticas com elementos contextuais e aspectos territoriais, contribuindo para a realização de estudos, com uma perspectiva mais ampliada e aprofundada das relações presentes na sociedade brasileira.

Nos artigos em que o tema turismo foi abordado, identifica-se análises relacionadas com as manifestações culturais, o lazer, questões étnicas vinculadas a uma comunidade quilombola e desenvolvimento sustentável.

Na temática relacionada a educação, identifica-se a realização de pesquisas vinculadas a educação infantil e as universidades, bem como, entre este tema e os hábitos de leitura, violência física entre estudantes, contratação de pessoas com deficiência e inserção de pessoas com mais de 50 anos no ensino superior.

Os movimentos populares, os aspectos ideológicos, as relações com o meio ambiente e as urnas eletrônicas constituem os aspectos que fizeram parte das análises vinculadas a política.

Para finalizar, são apresentadas as pesquisas que trataram sobre os temas trabalho e desenvolvimento econômico. Os artigos apresentados analisam a relação com as atividades comerciais locais, capital improdutivo, precarização das relações trabalhistas, questões de gênero, marca e marketing.

Com esta breve apresentação é possível identificar a amplitude das análises e pesquisas que são apresentadas neste e-book. Esperamos que a leitura realizada possa contribuir para novas reflexões e outras aproximações sobre as relações presentes no atual contexto da sociedade brasileira.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DOCUMENTAÇÕES E TURISMO: PROCESSOS E REGISTROS DE VIAGENS INTERNACIONAIS PARA BRASILEIROS

Carla Ferreira de Moraes

Leandro Gracioso de Almeida e Silva

Pollylian Assis Madeira

DOI 10.22533/at.ed.7402016101

CAPÍTULO 2..... 16

ESCALADA EM ROCHA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE LAZER EM MONTES CLAROS/MG

Jarbas Pereira Santos

Marilda Teixeira Mendes

Michela Abreu Francisco Alves

Irene Menegali

Maria Auxiliadora Pereira Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.7402016102

CAPÍTULO 3..... 28

TURISMO ÉTNICO-CULTURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PIQUI DA RAMPA, CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Wilson de Carvalho Rosa Filho

DOI 10.22533/at.ed.7402016103

CAPÍTULO 4..... 42

PANORAMA DA EVOLUÇÃO DOS *ADVENTURE GAMES*

Camila Brandão Bisson

Leonardo Antonio de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.7402016104

CAPÍTULO 5..... 68

PCDS A DEMANDA PRESENTEADA: UMA ANÁLISE DO CENÁRIO DA OBRIGATORIEDADE DA CONTRAÇÃO, DIANTE UM CENÁRIO DE EDUCAÇÃO

Daniel Andrei Rodrigues da Silva

Tamara Wildner

Tatiane Barichello Zorzo

DOI 10.22533/at.ed.7402016105

CAPÍTULO 6..... 77

DIREITO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Fabrine Antonello

Jaqueline Antonello

DOI 10.22533/at.ed.7402016106

CAPÍTULO 7..... 86

**HÁBITOS DE LEITURA E COMPREENSÃO DE RÓTULOS DE ALIMENTOS:
UMA AVALIAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Carina Carvalho Novaes
Géssica Coelho Alencar
Maria Carolina Barros Costa
Marianne Louise Marinho Mendes

DOI 10.22533/at.ed.7402016107

CAPÍTULO 8..... 94

**AS NARRATIVAS NOS LIVROS DE OCORRÊNCIAS: UMA ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE OS ESTUDANTES**

Sergivano Antonio dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.7402016108

CAPÍTULO 9.....118

**A UNIVERSIDADE PARA QUEM TEM MAIS DE 50 ANOS: UM ESTUDO DE CASO
EM UMA IES DO MEIO OESTE DE SANTA CATARINA, BRASIL**

Juciele Marta Baldissarelli
Adelcio Machado dos Santos
Monica França dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.7402016109

CAPÍTULO 10..... 130

**DOM JOSÉ RODRIGUES: SEU PAPEL POLÍTICO E EDUCATIVO JUNTO ÀS
CAMADAS POPULARES NO BOLETIM “CAMINHAR JUNTOS”**

Jônatas Pereira do Nascimento Rosa
Edonilce da Rocha Barros
Andréa Cristiana Santos

DOI 10.22533/at.ed.74020161010

CAPÍTULO 11 144

**A MILITÂNCIA COMO MANDAMENTO OU EXISTE POSSIBILIDADE
DE VISÕES PLURAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA? APONTAMENTOS
PRELIMINARES**

Manoel Adir Kischener
Everton Marcos Batistela
Airton Carlos Batistela
Mariza Rotta

DOI 10.22533/at.ed.74020161011

CAPÍTULO 12..... 160

**AMAZÔNIA: AS NUANCES COMUNICACIONAIS AOS OLHOS DA ESTRATÉGIA
ELEITORAL/GOVERNAMENTAL DE JAIR BOLSONARO E EMMANUEL
MACRON**

Gustavo Koetz Vaccari
Roberto Gondo Macedo

DOI 10.22533/at.ed.74020161012

CAPÍTULO 13..... 174

A LOGÍSTICA NO SETOR PÚBLICO: O CASO DAS URNAS ELETRÔNICAS NA JUSTIÇA ELEITORAL DO AMAZONAS

Karina Lopes Cidade

Marcos Carneiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.74020161013

CAPÍTULO 14..... 189

COLONIALIDADE E PRÁTICAS ALIMENTARES NO GOVERNO DE JANARY NUNES

Lúcia Tereza Ribeiro do Rosário

Antônio Sérgio Monteiro Filocreão

DOI 10.22533/at.ed.74020161014

CAPÍTULO 15..... 197

O MARKETING DE RELACIONAMENTO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO DE MARCA.

COMPLEXIFICAÇÃO CONCEITUAL E NOVOS COMPORTAMENTOS DE CONSUMO

Guaracy Carlos da Silveira

Fernando Augusto Carvalho Dineli da Costa

DOI 10.22533/at.ed.74020161015

CAPÍTULO 16.....211

CRESCIMENTO ECONÔMICO, UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Railson Marques Garcez

DOI 10.22533/at.ed.74020161016

CAPÍTULO 17..... 224

A INCLUSÃO DE UMA MICROEMPRESA NO MERCADO BAGEENSE ATRAVÉS DA PESQUISA DE MERCADO

Hallana Pereira Ortiz

Vinícios Oliveira da Rosa

Aldemi Silveira Leon

Lóren Formiga de Pinto Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.74020161017

CAPÍTULO 18..... 240

O CÂMBIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL-COLÔMBIA-PERU E SEUS REFLEXOS NA ATIVIDADE COMERCIAL LOCAL

Giselly Mayara Mesquita de Paiva

Nicolas Andretti de Souza Neves

Ronaldo Cardoso da Silva

DOI 10.22533/at.ed.74020161018

CAPÍTULO 19..... 254

O EMPREGO DOMÉSTICO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO DO

TRABALHO: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES E A BUSCA DA IGUALDADE

Elaine Aparecida Fonsêca Tavares

Maria Olímpia de Jesus Sousa

Soraia Veloso Cintra

Luciene da Silva Pereira

DOI 10.22533/at.ed.74020161019

CAPÍTULO 20..... 265

A ERA DO CAPITAL IMPRODUTIVO: UMA RESENHA CRÍTICA

Marcus Vinicius Gomes Pereira

DOI 10.22533/at.ed.74020161020

CAPÍTULO 21..... 277

ASSISTENCIA SOCIAL E DIREITOS SOCIOASSISTENCIAIS: O MUNICÍPIO DE CACHOEIRA/BA

Heleni Duarte Dantas de Àvila

Jucileide Ferreira do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.74020161021

SOBRE A ORGANIZADORA..... 287

ÍNDICE REMISSIVO..... 288

DOM JOSÉ RODRIGUES: SEU PAPEL POLÍTICO E EDUCATIVO JUNTO ÀS CAMADAS POPULARES NO BOLETIM “CAMINHAR JUNTOS”

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Jônatas Pereira do Nascimento Rosa

Universidade do Estado da Bahia
Juazeiro-BA
<http://lattes.cnpq.br/0217884286738646>

Edonilce da Rocha Barros

Universidade do Estado da Bahia
Juazeiro-BA
<http://lattes.cnpq.br/5171481648034107>

Andréa Cristiana Santos

Universidade do Estado da Bahia
Juazeiro-BA
<http://lattes.cnpq.br/5237012475215329>

RESUMO: O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa documental, realizada no informativo “Caminhar Juntos”, da Diocese de Juazeiro-BA, idealizado pelo bispo Dom José Rodrigues, na década de 1970, em meio a um contexto marcado por lutas sociais, com o deslocamento das famílias que viviam às margens do rio São Francisco, na época da construção da barragem de Sobradinho. Propõe uma análise histórica para compreender o papel do bispo Dom José Rodrigues como mediador comunicativo que, ao idealizar um jornal religioso e popular, fomentou um discurso político e educativo que tinha como princípio denunciar injustiças sociais e difundir a solidariedade. Observamos que, a partir da publicação do periódico, o bispo se firma como uma liderança

religiosa e comunicador, exercitando o diálogo com as comunidades ribeirinhas e dando visibilidade às experiências populares a partir das narrativas publicadas no jornal, como as cartas de moradores das cidades que ficaram submersas pelas águas do lago de Sobradinho.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhar Juntos. Líder religioso. Mediador comunicativo. Educação popular.

DOM JOSÉ RODRIGUES: HIS POLITICAL AND EDUCATIONAL ROLE AMONG THE POPULAR CLASSES IN THE BULLETIN “WALKING TOGETHER” (“CAMINHAR JUNTOS”)

ABSTRACT: This article describes the results of a documentary research, carried out in the informative journal “Walking Together”, of the Diocese of Juazeiro-BA, conceived by Bishop José Rodrigues, in the 1970s, in a context marked by social struggles, with the displacement of families living on the banks of the São Francisco River, at the time of the construction of the Sobradinho dam. It proposes a historical analysis to understand the role of Bishop José Rodrigues as a communicative mediator who, by idealizing a religious and popular newspaper, fostered a political and educational discourse that was based on denouncing social injustices and spreading solidarity. We note that, since the publication of the journal, the bishop has established himself as a religious leader and communicator, exercising dialogue with riverside communities and giving visibility to popular experiences from the narratives published in the newspaper, like the letters of the inhabitants of the cities that were

submerged by the waters of the lake of Sobradinho.

KEYWORDS: Walking together; Religious leader; Communicative mediator; Popular education.

1 | INTRODUÇÃO

De início, apresentamos um recorte do informativo “Caminhar Juntos” para se começar a entender o que o texto tem a nos dizer acerca do espírito de união. Como essa mensagem escrita por Dom José Rodrigues, então bispo da Diocese de Juazeiro, nos meados da década de 1970, na edição piloto do boletim informativo “Caminhar Juntos”, pode nos ajudar a desnudar o espírito de um jornal e as lutas mediadas por ele na época em que foi veiculado?

CAMINHAR JUNTOS. Não basta andar lado a lado. Caminhar é ser-para, é estar em disponibilidade. Exige comunicação, conhecimento daquele que caminha junto, entreajuda, solidariedade. ‘Companheiro’ significa, etimologicamente, aquele com quem se reparte o pão. Caminhar, então, juntos, para formar a comunidade. Comunidade exige buscar, juntos, o mesmo objetivo. A caminhada mais longa e penosa não é ir, a pé, de Juazeiro a Pilão Arcado, mas sair de si mesmo para encontrar-se com o outro (irmão) e com o Outro (Deus). Cristianismo se vive em comunidade (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 1).

Essa reflexão remetia a um espírito de comunhão, em que para caminhar e para se movimentar em direção a um objetivo, é preciso estar juntos. E estar juntos, como deixa clara a mensagem, não é tão simples como andar ao lado de alguém. É preciso entrega, espera, responsabilidade, confiança. Entregar-se ao outro, ser para o outro, sair de si, da sua posição, do seu próprio ponto de vista para lidar com o desconhecido que requer espírito de solidariedade. Esse espírito de solidariedade presente na mensagem guiou a trajetória do bispo Dom José Rodrigues, que exerceu na prática o “ser-para” o “estar em disponibilidade”, ao disseminar ideias por meio do boletim, pois acreditava na força do informativo para “unir as pessoas na comunidade. Para unir as comunidades na Diocese. Para unir a Diocese de Juazeiro às outras Dioceses”.

Percebemos a partir dos enunciados, que Dom José Rodrigues conseguiu imprimir a capacidade educativa do jornal de circular informação, ideias, podendo alcançar diferentes lugares da diocese, até mesmo fora dela, com a possibilidade de formar um senso de comunidade entre os leitores em um contexto marcado por lutas sociais, das populações vítimas dos projetos modernizantes. Ao analisarmos o contexto vigente da época, observa-se na mensagem do boletim, que havia a intenção de difundir os valores cristãos de justiça social.

O “Caminhar Juntos” surgiu no ano de 1976, quando as populações ribeirinhas

foram deslocadas dos espaços de referências, de vivência cotidiana em decorrência da construção da barragem de Sobradinho. Com a formação do lago quatro cidades foram inundadas: Casa Nova, Remanso, Sento Sé e Pilão Arcado, no norte da Bahia, todas localizadas às margens do Rio São Francisco. Em um momento de caos, de incertezas e perdas era imediata a necessidade de redes de solidariedade que só poderiam ser construídas pelo caminhar juntos das populações atingidas. Neste sentido, Peter Sloterdijk (2016, p.79) sublinha que os indivíduos “são sujeitos apenas na medida em que participam de uma subjetividade partilhada e distribuída”.

O bispo pensava que, para vencer as dificuldades suscitadas pela construção da barragem, se fazia necessário estar juntos e em comunidade. Assim, nas páginas do jornal, Dom José construiu um discurso com valor político e educativo, de denúncia social, com base na educação popular. A liderança de Dom José pode ser compreendida na perspectiva dos circuitos comunicativos e das mediações, cujo valor do popular é percebido na sua representatividade sociocultural, na capacidade de materializar e expressar o modo de viver das classes subalternas (BARBERO, 2002).

O presente artigo propõe uma análise histórica para compreender o papel do bispo Dom José Rodrigues como mediador comunicativo que, ao idealizar um boletim religioso e popular, fomentou um discurso político e educativo que tinha como princípio denunciar injustiças sociais e difundir a solidariedade.

2 | O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa é resultado do subprojeto de iniciação científica “Narrativas e memórias de práticas culturais no Território Sertão do São Francisco”, com o objetivo de analisar as narrativas e relatos memorialísticos a respeito das práticas culturais no território, a partir das fontes documentais que explicitam os processos de transformação social ocorridos ao longo do século XX neste território. Está vinculado ao projeto História e Memória do Território Sertão do São Francisco em andamento no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro-BA.

A primeira etapa da pesquisa foi catalogar e fazer o inventário das fontes impressas a respeito das práticas culturais que documentam processos de transformação no espaço físico e tempo histórico nas cidades do território, constituindo-se acervo raro. Para tal, iniciamos a pesquisa com o inventário das edições do “Caminhar Juntos” dos anos de 1976 a 1979, disponíveis no Acervo Dom José Rodrigues, localizado na biblioteca do Campus III, da UNEB. O inventário consistiu na transcrição do conteúdo encontrado, relacionado às notícias publicadas e os textos opinativos (cartas, artigos publicados pelos leitores).

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo, a partir das contribuições da Teoria da História. Michel de Certeau (2008) afirma que o conhecimento histórico é uma operação historiográfica, compreendida na relação entre um lugar, no qual se instauram os métodos; os interesses e a organização dos documentos; os procedimentos de análise, conduzindo a interpretação; e a construção de um texto em escritura.

Como aponta Marc Bloch (2002), o que se produz é um recorte, e o que move o historiador são as práticas humanas, sendo assim “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (p. 54). Apropriamo-nos, então, do boletim diocesano procurando farejar as práticas humanas, as quais revelam tensões, hábitos, modos de ser e fazer, para construir a partir dessa análise interpretativa uma narrativa. Entendemos o boletim como um artefato de memória que permite acesso ao passado, um passado que não pode ser recuperado em sua integralidade, mas que se pode ter acesso a partir de seus fragmentos, que para David Lowenthal (1998), não são processos, mas resíduos de processos sociais. Assim sendo, aciona-se o passado a partir do presente, sendo o pesquisador quem dá sentido a esses fragmentos, os quais permanecem na duração do tempo e chegam até nós no presente. Considerando que “o passado lembrado diverge substancialmente da experiência original”, entendemos que “para comunicar uma narrativa coerente precisamos não apenas reformular o passado antigo como ainda criar um novo” (LOWENTHAL, 1998, p. 101). Desta forma, o que trazemos neste artigo são reflexões teóricas a respeito do trabalho realizado pelo bispo Dom José Rodrigues, considerado por nós como mediador comunicativo.

3 I DOM JOSÉ RODRIGUES E A IDEALIZAÇÃO DO “CAMINHAR JUNTOS”

Na biografia escrita pelo jornalista alemão Siegfried Pater, o leitor fica conhecendo parte da trajetória do bispo Dom José Rodrigues que, antes de chegar à diocese de Juazeiro, em fevereiro de 1975, perambulou por vários lugares. José Rodrigues de Souza nasceu no dia 25 de março de 1926, em Paraíba do Sul e quando completou cinco anos se mudou para Serra Azul (São Paulo), onde viveu parte de sua infância. O pai Josino Rodrigues de Souza trabalhava em uma fábrica de manteiga, a mãe, Maria Geralda de Souza, como doméstica. Dom José tinha sete irmãos, sendo três irmãs e quatro irmãos e toda a família sempre foi muito religiosa (PATER, 1996).

Aos dez anos, teve contato com os missionários da Ordem dos Redentoristas e foi convidado para se tornar padre, indo para o Seminário Santo Afonso no estado de São Paulo. Entre os anos de 1946 a 1951, o então seminarista mudou-se para o

Seminário Maior em Tietê, onde cursou filosofia, teologia e outras ciências, sendo ordenado padre em 27 de dezembro de 1950. Entre os anos de 1952 e 1966, o padre José Rodrigues atuou como professor de português no Seminário Santo Afonso. Passou um ano fazendo curso de especialização na Europa, para em seguida fazer extensa viagem pelo continente com outros padres. Ao ser nomeado Provincial dos Redentoristas de Brasília, em 1970, comprou a “Rádio Difusora de Goiânia”, promovendo uma pastoral que podemos associá-la à “Teologia da Libertação”, pois se tratava de um trabalho de conscientização. Finalmente, em 12 de dezembro de 1974, foi nomeado Bispo da Diocese de Juazeiro, Bahia, criada em 21 de julho de 1962, pelo Papa João XXIII (DIOCESE DE JUAZEIRO, 2020).

Após ter adejado por diferentes lugares, Dom José Rodrigues tomou posse em 16 de fevereiro de 1975, com 49 anos. Substituiu seu primeiro Bispo diocesano, Dom Tomás Guilherme Murphy, norte-americano, também da Congregação dos Padres Redentoristas, cujo episcopado na Diocese de Juazeiro foi de 1963 a 1973, mas só deixou a diocese em 1975, com a chegada de Dom José Rodrigues, segundo Bispo diocesano, cujo episcopado foi de 1975 a 2003, deixando a diocese, por motivo de aposentadoria, com 77 anos. Quando ele chegou na região, o regime militar estava no auge de seu poder. Em função da construção da barragem de Sobradinho, cuja obra foi iniciada em 1974 e concluída em 1978, os prefeitos das Novas Cidades (Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé) eram indicados pelo governador da Bahia e nomeados pelo Presidente da República, pois toda a região era área de segurança nacional.

Desde sua chegada já era possível perceber, naquela pequena criatura, competências específicas, conhecimento elevado e experiências de vida como autoridade religiosa, o que lhe conferia o status de “o gigante”, “o forte” que enfrentava os poderosos em favor dos pobres. No dia 18 de fevereiro de 1975, Dom José visitou pela primeira vez o canteiro de obras da barragem de Sobradinho. Foi o chão de partida de sua pastoral, anunciando-a como opção pelos pobres. Quando questionado o motivo da sua dedicação aos pobres, ele explicava que veio de família humilde, que sua ordem tinha como lema a “dedicação aos pobres”. Mas o que lhe fez concretizar a opção pelos pobres, ou seja, “a última gota d’água”, foi ter encontrado o sofrimento da população da diocese causado pela barragem de Sobradinho (PATER, 1996).

Como a diocese, naquela época, contava com poucos padres e religiosos, Dom José convidou leigos para ajudá-lo na tarefa de apoiar a população “em transe”. A igreja vivia nessa época a atualização do Concílio Vaticano II na América Latina, a partir da Conferência de Medellín e Puebla. Foi dentro desse contexto que Dom José reforçou, na diocese, a opção pelos pobres, mais precisamente pelas populações deslocadas deixadas à própria sorte pelo poder público. Com o

apoio de alguns padres, das religiosas e dos leigos convidados, que se tornaram agentes pastorais, houve um intenso trabalho de educação popular, no ciclo de trabalho orientado pelas “Comunidades Eclesiais de Base” (CEBs), fortalecendo as lideranças vindas do povo, como está descrita na biografia do Bispo no site da Diocese de Juazeiro.

Contra a vontade de alguns dos colaboradores das paróquias da diocese, Dom José Rodrigues começou suas andanças pelas cidades e vilarejos que seriam submersos pelas águas do lago de Sobradinho. Confessou que “em toda parte” ouvia os lamentos do povo que pedia ajuda e orientação ao novo Bispo. Dizia que: “O início foi muito difícil. Eu não tinha ideia, não sabia de nada sobre os problemas das pessoas (PATER, 1996, p. 36).

Em dois de março de 1976, nasceu o boletim em uma reunião interdiocesana no Centro de Treinamento de Líderes (CTL) da diocese, localizado em Carnaíba, distrito de Juazeiro-BA. Esta reunião contou com a participação de padres, religiosas e agentes de pastorais da Diocese de Juazeiro e das Dioceses de Petrolina-PE e Senhor do Bonfim-BA. Contou também com as presenças do próprio Dom José Rodrigues e do bispo de Senhor do Bonfim, Dom Jairo Rui Matos. O nome do recém-nascido boletim de comunicação popular, “Caminhar Juntos”, surgiu de uma Campanha da Fraternidade idealizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que se realiza anualmente, em todas as dioceses do Brasil. Tem o objetivo de despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução.

Naquele ano, o Tema da campanha foi “Fraternidade e Comunidade” e o Lema: “Caminhar Juntos”. Contudo, já havia uma predisposição da Igreja Católica a favor dos meios de comunicação, como demonstrado no documento *Communio et progressio*, publicado no ano de 1971, no qual a igreja acreditava que os meios de comunicação tinham a capacidade de influenciar a mentalidade e o comportamento das pessoas, criando laços de solidariedade entre os homens e dando a conhecer os problemas e aspirações humanas.

O boletim “Caminhar Juntos” tinha como objetivo anunciar e denunciar o que acontecia nas comunidades que estavam sob a jurisdição da Diocese de Juazeiro, que congrega os municípios de Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Curaçá, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. Padre Manoel Alves Braga escreveu que o periódico surgiu para trazer “aos do interior, notícias da cidade e aos da cidade as notícias do interior”. Pois, “ninguém pense que o que na sua zona de apostolado acontece não interessa a ninguém. Tudo interessa a todos” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p.2).

Circulando mensalmente, o boletim trazia notícias, textos opinativos e

crônicas escritas por professores, padres e paroquianos da diocese. O informativo circulou, no início, com oito páginas e, posteriormente, alcançou 30 páginas. Eram páginas mimeografadas, sem qualquer tipo de ilustração ou anúncio publicitário, distribuídas gratuitamente. Nelas circulavam informações sobre eventos, festividades e atividades que a diocese realizava durante o respectivo mês.

O boletim “veio à luz” no dia 12 de março de 1976, “singelo e tímido”, em uma tiragem de 100 exemplares (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 1). No final de 1976, a tiragem foi de 300 exemplares; em 1977, alcançou 500 e, no ano de 1984, 2.600 exemplares. O periódico mensal não ficou restrito apenas no âmbito da Diocese de Juazeiro. Encontramos no boletim cartas de leitores do Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiânia, Belo Horizonte, Pernambuco, e haviam leitores que davam “ofertas espontâneas”. Notamos que os leitores que enviavam cartas ao jornal eram padres, religiosas de outras dioceses, o que reforça a intenção do Bispo de unir, por meio do boletim, a Diocese de Juazeiro as outras comunidades diocesanas.

Quanto ao público leitor, observamos que eram, em sua grande maioria, os agentes da pastoral, pois como o boletim informou, em sua edição especial do relatório de atividades, “80% da população do interior” era analfabeta e o singelo número inicial de 100 a 300 exemplares não podia alcançar a quantidade de 210.000 mil habitantes da Diocese de Juazeiro, a menos que fosse utilizada a estratégia da leitura oral pelos próprios agentes para os ribeirinhos (os que habitavam as margens do rio/lago) e os caatingueiros (os que moravam nas caatingas, áreas de sequeiro). Em seu relatório de atividades, o “Caminhar Juntos” identificava como “AGENTES DE PASTORAL: Sr. Bispo, 13 sacerdotes, 01 religioso, 18 religiosas, 10 ministros de Eucaristia, 450 Catequistas e Agentes Pastorais Leigos” que preparavam novos catequistas e lideranças (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 1). Esse era um trabalho intensivo de educação popular, tendo como principal material didático, o próprio “Caminhar Juntos”.

4 I AS EDIÇÕES ANALISADAS DO “CAMINHAR JUNTOS”

Nas edições analisadas do “Caminhar Juntos”, era recorrente a publicação dos editoriais assinados pelo bispo Dom José Rodrigues. É possível perceber temas recorrentes como campanhas da fraternidade, ações sociais, educação religiosa, e manchetes de jornais de grande circulação como o diário “A Tarde”, da capital, Salvador. Mesmo sendo um boletim mensal, o “Caminhar Juntos” se preocupou com uma das características que compõe um jornal: a atualidade. Segundo Otto Groth, a atualidade é a tarefa “mais urgente” e a “força mais potente” do jornal, uma vez que *“designa em si a característica e a tarefa do jornal de oferecer, de mediar algo atual, portanto presente, agora, em voga, novo”* (GROTH, 2011, p. 223, **grifo do autor**).

Um periódico precisa publicar os acontecimentos que vigoram no tempo presente, no agora. O “Caminhar Juntos” não enfatizou apenas as atividades diocesanas, como teve a sensibilidade de dar visibilidade às problemáticas sociais vigentes na época. O boletim mediou a situação dos caatingueiros que sofriam com a intensa seca no ano de 1976, os conflitos entre posseiros e grileiros, a ação de empresas estatais que desrespeitavam os direitos dos ribeirinhos, como a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF); e os impactos sociais e ambientais da barragem de Sobradinho que provocou o êxodo de mais de 70 mil pessoas de seus espaços de referências e convivência. Observamos o interesse que o informativo tinha para mediar a situação das vozes ignoradas da população, para denunciar as injustiças cometidas contra ela. Interesse este que se explica quando refletimos a mediação feita pela figura que idealizou o jornal, que lutou pela vida dos pobres, Dom José Rodrigues.

Jesús Martín-Barbero explica que, por muito tempo, os estudiosos dos meios de comunicação de massa entendiam esses meios como capazes de difundir mensagens que partiam de um emissor dominante até chegar a um receptor acrítico e desprovido de sentido. Mensagens que não tinham nenhum tipo de conexão com os conflitos, contradições, muito menos as lutas da recepção (BARBERO, 2002). O pensamento de Martín-Barbero traz reflexões sobre as possibilidades de mediações desenvolvidas pelos sujeitos, principalmente as “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais” (BARBERO, 2002, p. 17). De modo que a comunicação pode estabelecer mediações culturais e, portanto, fomentar práticas de “re-conhecimento” (BARBERO, 2002, p. 16).

Quando Dom José idealizou o boletim ele estava em sintonia com o contexto sociocultural de seu tempo, representando a si e o seu entorno. Os temas do jornal dialogavam, pelo que a fonte documental nos indica, com uma recepção religiosa, foram pensados para promover um fluxo de informações entre paroquianos. Surgiu do desejo do Bispo em manter sua diocese informada do que estava acontecendo tanto no campo como na cidade, com a intenção de criar uma rede de solidariedade com outras dioceses. A mediação do Bispo no “Caminhar Juntos” agiu no sentido de fazer com que os diocesanos se interconectassem a um espírito de luta e união.

Dom José influenciou aos seus leitores a percepção de um senso de comunidade e construiu uma narrativa sobre o trabalho feito pela Diocese de Juazeiro em seus mais variados campos de atuação. Por meio do boletim, o Bispo colocou a Diocese de Juazeiro no campo da representação simbólica, pois as ideias possibilitam o fortalecimento das lutas.

Pela linguagem, a mediação do Bispo incitou nos leitores de seus textos um senso crítico, como também afirmou a existência dos sujeitos populares. Seus textos

eram uma espécie de prelação religiosa, em que escrevendo sobre algum tema ou festividade católica, sempre encontrava uma maneira de relacioná-los com alguma questão social vigente na época. Ao refletir sobre a páscoa e o seu significado de superação, pediu ao leitor para se mobilizar e superar a acomodação, alertava quanto aos perigos do conformismo alegando que as pessoas precisavam “superar as atuais formas de escravidão. Superar o imobilismo. Superar a falsa religiosidade. Superar a incomunicação. Superar o egoísmo e a vanglória” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 1).

Em outra edição do ano de 1976, refletiu a necessidade de uma educação política para o povo. O Bispo entendia que por falta de uma educação política “não se cuida dos serviços públicos” e a comunidade “não zela pela rua, pela estrada, pelo chafariz, pela cacimba, pelo prédio da escola ou pelo jardim da praça” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 1). Sendo preciso adquirir uma mentalidade política, mudar as pessoas.

Na edição de abril de 1977, discursou novamente sobre a páscoa, a qual pelo exemplo de Cristo “desperta, nos cristãos, a esperança de uma nova terra, o Céu. Mas o Vaticano II nos adverte: ‘A esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra’” (CAMINHAR JUNTOS, 1977, p. 1). Aqui, apreendemos a visão crítica do Bispo, em introduzir na diocese um projeto de educação política, visando à conscientização do povo acerca de suas próprias atitudes. Não usando a crença que possuíam como justificativa para degradação do mundo, mas cuidando dele pensando na próxima geração que “já pode apresentar algum esboço do século futuro”.

O discurso de Dom José se torna ainda mais imprescindível quando pensamos o contexto atual do Brasil e do mundo, que se vê diante uma iminente emergência climática e o fundamentalismo cristão que ganha cada vez mais força, desprezando a ciência e ignorando os danos que o homem causa ao planeta sob a justificativa de que sua terra não é esta, mas outra que é o céu. Em que líderes religiosos livram-se de sua responsabilidade social e estimulam os sujeitos ao conformismo.

Por meio do “Caminhar Juntos” compreendemos que Dom José não via seus leitores ou os ribeirinhos e caatingueiros citados nas notícias veiculadas pelo boletim como uma população que tinha uma mentalidade vazia, mas que esses eram manipulados ou persuadidos pelo “poder dos donos”. Ele compreendia que a população vivia em situação de vulnerabilidade social, despossuída de liberdade, portanto, de tudo, mas eram/são seres resilientes capazes de se reinventarem.

Isso está exemplificado na notícia “Curso sobre a Pastoral da Terra” que aconteceu no Centro de Treinamento de Líderes da diocese entre os dias 28 de fevereiro e 2 de março, com a presença de advogados, sociólogos, psicólogos, assessores de educação e representantes das comunidades ribeirinhas. O objetivo

era “ajudar o camponês a crescer como pessoa humana e adquirir a posse e o gozo da sua terra e dos seus bens” (CAMINHAR JUNTOS, 1977, p. 2). A notícia informava sobre a formação de grupos em cada município da diocese para levantamento de aspectos da realidade social, treinamento de líderes, estímulo da consciência crítica e estudo dos direitos humanos, estatuto da terra e do direito agrário. O boletim ainda esclarecia que de todos os documentos distribuídos no curso “foram entregues cópias mimeografadas a todos os participantes e sua linguagem jurídica foi traduzida ao alcance de todos”. E que muitos dos lavradores, “gente do campo, ainda foram esclarecidos, particularmente” (CAMINHAR JUNTOS, 1977, p. 2).

Entendemos que as ferramentas de luta eram possibilitadas pela diocese, por meio de uma pedagogia alternativa e de um trabalho incansável de mobilização popular para criar a pastoral da comunicação, a pastoral da terra, da família. Para isso, foram treinados líderes em cada comunidade, a fim de tomarem consciência de si e do mundo e de suas capacidades de lutarem por seus direitos.

5 I AS NARRATIVAS NO BOLETIM DIOCESANO

Além de comunicar o sentimento de união, o “Caminhar Juntos” exerceu a função de afirmação dos sujeitos populares que já existiam muito antes da mediação comunicativa. Nas edições analisadas, Dom José Rodrigues fazia constantemente denúncias e ilustrava as situações de fragilidade e de desrespeito aos direitos humanos da população ribeirinha pelo Estado, representado nas ações da CHESF e da CODEVASF. Em 1976, as casas de 22 famílias transferidas para a nova Remanso não apresentavam condições de higiene, energia ou água e as habitações tinham “rachaduras; estragos de cupim no madeiramento verde” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 11). O boletim informava sobre o desrespeito aos direitos humanos dos ribeirinhos que foram obrigados a deixarem seus lares em decorrência das águas do lago, como o caso de Dona Otília Maria da Fé, que, com 60 anos, foi “levada” por um membro da CHESF para debaixo de umbuzeiros sob lonas improvisadas com seus 13 netos (CAMINHAR JUNTOS, 1977, p. 7).

O boletim apresentou as vozes dos grupos “subalternos”, que segundo Djamilia Ribeiro (2017), são grupos deslegitimados pelo poder vigente, impedidos de ocuparem certos espaços, tendo oportunidades restringidas. Publicou a experiência dos pescadores e agricultores deslegitimados de poder, as experiências de um povo traumatizado com a perda de seus territórios, que mais do que físicos eram simbólicos, espaços de sua cultura, festividades e crenças.

Encontra-se no “Caminhar Juntos”, nas edições do ano de 1976, cartas memorialísticas que nos ajudam a compreender as relações culturais, as sensações e percepções daquele povo. Cartas que ilustraram experiências de

relação sentimental com o rio, conhecido como “Velho Chico” e as cidades que seriam inundadas pela Barragem de Sobradinho, revelando um forte sentimento de saudade que os ribeirinhos teriam dos seus espaços de sociabilidades. Essas cartas reconheceram as singularidades das camadas populares e permitiu “a descoberta dessa experiência outra que a partir do oprimido configura alguns modos de resistência e percepção do sentido mesmo de suas lutas” (BARBERO, 2002, p. 80).

As cartas veiculadas pelo jornal nos evocam no presente as experiências de alegria pelo festejo aos padroeiros das cidades, mas sobretudo de saudade. Saudade das “ruas feias... mas que amamos, porque nos viram nascer” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 5). A frase contida na carta de despedida a Sento Sé, escrita pelo/a enigmático/a IMC, diz respeito a uma experiência de valor simbólico. Uma rua é composta de casas, árvores, pedras, areia, coisas materiais, animais que por ela andam. As ruas citadas na carta podiam não ter casas majestosas, podiam ser cheias de buracos, podiam ser “ruas feias”, que não tinham beleza estética, mas tinham sociabilidades. Essas ruas eram amadas pelas experiências vivenciadas nelas. Como registrou a carta de despedida a Santana do Sobrado, pelas experiências vividas junto aos “umbuzeiros que muitas vezes alimentaram as famílias pobres; aos juazeiros que serviram de pasto para as ovelhas; às caçadas de ribanças; às várzeas, onde aprendemos a andar de bicicleta [...]” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 15).

De acordo Walter Benjamin, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201). As cartas no “Caminhar Juntos” apresentam as falas daqueles que viveram experiências de perda, experiências de incerteza, de apego sentimental e saudade, como também são narradas por um narrador que testemunhou os acontecimentos, transformando-os em uma narrativa poética e atemporal.

A respeito disso, Benjamin (1987) ressalta que a narrativa não oferece explicações, mas permite interpretações, questões e tensões. Não é como a informação imediata, clara, precisa e curta, onde tudo está explicado e só tem valor no momento em que é nova. “Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”, sublinha Benjamin (p. 204). A narrativa permite que se indaguem as experiências ali narradas muito tempo depois que foram concebidas e que as interpretem de maneiras variadas.

Que nascimentos foram esses de que falou o narrador da frase? Como essas ruas os viram nascer? Esse nascer foi a saída do útero e o choro inicial? Ou foi o desabrochar para a vida? Podemos interpretar aqui a partir da experiência narrada na carta que a vida é um constante nascer. E que as ruas, as ruas feias eram

amadas, porque presenciaram, viram de maneira leal, constante e silenciosa esses nascimentos, esses tantos primeiros passos dados nelas.

Mais à frente, o narrador da carta de Sento Sé trouxe uma fala de Dom José Rodrigues, que disse: “Caminhar é deixar para trás – pessoas, coisas, paisagens”. De acordo com Benjamin (1987), a narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária, um tipo de conselho, sabedoria ou ensinamento. Por si só a fala do Bispo já denotava a sabedoria adquirida pela experiência de quem já tinha caminhado consideravelmente e refletido sobre suas andanças pela vida, não só as suas, mas as de outros também.

Se antes ponderamos que a vida é um constante nascer, agora temos que interpretá-la como um constante morrer. Caminhar, segundo Dom José, é dizer adeus às coisas, é entender que nada permanece para sempre, que faz parte do ciclo da vida, não apenas o início, mas também o fim. De modo que caminhar é mudança, é estar em movimento, é sair de um espaço do qual já se acostumou, do lugar que traz conforto, mesmo quando não se quer, mesmo quando soa injusto. Quando saímos do útero, saímos de uma bolha de segurança, para surgir em um mundo por vezes atípico e hostil. Desde então, ao nascer estamos caminhando para a morte. E muitas são as mortes. Morte do útero, morte da infância, morte do amor, da amizade, da bolha familiar, morte de uma cidade, morte física, morte cultural.

A filosofia contemporânea de Peter Sloterdijk (2016) pode dar sentido a essas mortes no que ele chama “a morte das esferas”. O autor entende esfera como “a rotundidade fechada, dotada de um interior compartilhado, que os homens habitam enquanto tem sucesso em se tornar homens” (p. 46). A esfera nunca é composta por um uno, mas compartilhada seja por um casal de amantes ou por pessoas em uma cidade. Nesse sentido, ao se ler a despedida dos ribeirinhos “aos xique-xiques e seus espinhos de muita utilidade para as mulheres rendeiras fazerem suas rendas; enfim a toda caatinga que cerca Santana”, percebemos a experiência de perda pela qual passaram, causada pela morte de seus territórios, de seus espaços de convivência. Ao serem invadidas por interesses fora de seu espaço interior, as cidades citadas nas cartas tiveram o fim de seu mundo e os ribeirinhos tiveram de realizar esta caminhada com as marcas da terra que os criou.

“Levaremos na mente e no coração as lembranças que nunca se apagarão. Vão no nosso corpo as marcas desta terra que nos criou” (CAMINHAR JUNTOS, 1976, p. 15). A experiência contida nessa frase de Madalena Souza Lima na carta de despedida a Santana diz respeito ao valor da memória, do ato de lembrar, pois não foram embora vazios, mas cheios de recordações, uma vez que “as esferas podem ainda subsistir mesmo após a separação pela morte, e o que foi perdido consegue permanecer presente nas memórias como monumento, fantasma, missão, saber” (SLOTERDIJK, 2016, p. 47). Logo, as cidades foram inundadas, mas a memória

não, pois, por meio do exercício de lembrar, ribeirinhos e caatingueiros puderam recordar suas experiências.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Otto Groth (2011) aponta que um produto impresso não consiste naquilo que é expresso em números ou exemplares, mas a partir de uma ideia, de “uma *realidade* mental ou *imaterial*, que nunca se torna propriamente visível” (GROTH, 2011, p. 146, **grifo do autor**). Em outras palavras, Groth quer nos dizer que o jornal tem uma essência, um espírito que emana ideias, sendo uma obra cultural que nasce com uma finalidade e não fica restrito apenas a quem o concebe, mas ganha independência, alcançando outras mentes.

Quando olhamos para o “Caminhar Juntos” compreendemos que o boletim foi uma obra cultural, cuja finalidade foi promover um projeto de educação política, visando à conscientização do povo acerca de suas próprias atitudes e necessidades no contexto social e político do regime militar. Nesse sentido, devemos ressaltar a função de mediador exercida por Dom José Rodrigues que operou na esfera do discurso simbólico, ao se instituir tanto como religioso como comunicador.

Por meio da mediação realizada no “Caminhar Juntos”, Dom José Rodrigues conseguiu difundir uma filosofia da solidariedade baseada na criação de redes de cooperação, refletidas tanto nas notícias que pincelaram a imagem de uma diocese unida e diligente – aquelas que informaram sobre as reuniões da pastoral da terra, as atividades de promoção social como a construção das lavanderias para as mães de Juazeiro, sobre as andanças das religiosas que saíam pelo interior da diocese, realizando cursos de primeiros socorros, os textos opinativos que falaram sobre a importância da comunicação e dos laços humanos – quanto na figura do Bispo que andou lado a lado com os colonos que viviam na área de projetos de irrigação, com os pequenos proprietários rurais ameaçados pelos grileiros, com as prostitutas que tinham de vender seu corpo para sobreviver, com os pescadores que viam sua existência ameaçada pelo lago de Sobradinho, com os caatingueiros que sofriam com a intensa seca e o descaso dos Governos.

Essa solidariedade é parte do projeto de educação política empreendida pelo Bispo e que pode ser identificado nas páginas do periódico, ao ter permitido dar visibilidades às vozes das comunidades ribeirinhas e caatingueiras e promover a organização do coletivo. Em um mundo onde há “um aniquilamento das solidariedades”, como afirma Sloterdijk (2016), havendo nos sujeitos uma tendência para o isolamento, a perda das relações grupais e da troca de experiências comunicáveis, considera-se revolucionária a mensagem do bispo Dom José Rodrigues, pois sua mensagem era de fé, esperança e de que, caminhando juntos,

poderia haver liberdade e ultrapassar as portas da opressão. Esse foi o papel político e educativo assumido por Dom José Rodrigues, no seu apostolado episcopal na Diocese de Juazeiro-BA, junto às camadas populares.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DIOCESE DE JUAZEIRO (BAHIA). **O bispado de D. José Rodrigues**. Disponível em: <http://diocesedejuazeiro.org.br/>. Acesso em 05 de julho de 2020.

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: Projeto História, vol. 17 nov. 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

PATER, Siegfried. **O bispo dos excluídos**: Dom José Rodrigues. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adventure games 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67

Alimentos 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 192, 193, 194, 271

Amapá 189, 190, 193, 194, 195

Amazônia 160, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 189, 191, 192, 195

Apontamentos 96, 144, 148, 157

Assistência social 254, 255, 259, 261, 263, 277, 278, 282, 283, 284, 285, 286, 287

Atividades de aventura 16, 17, 18, 19, 22, 25, 27

B

Benefícios 19, 22, 76, 162, 235, 261, 277, 278, 283

C

Câmbio 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Capital improdutivo 265, 266, 267, 275, 276

Capitalismo 66, 150, 190, 191, 199, 216, 220, 221, 225, 265, 269, 270, 273, 275

Comércio 104, 192, 210, 226, 228, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 250, 251, 266

Comportamento do consumidor 197, 201, 202, 208, 238

Comunicação 20, 23, 24, 67, 71, 86, 88, 95, 116, 131, 135, 137, 139, 142, 143, 154, 160, 161, 165, 166, 169, 170, 172, 173, 194, 197, 198, 200, 201, 202, 205, 209, 210, 237, 281

Comunicação integrada de marketing 202

Comunidade Quilombola de Piqui da Rampa 28

Crescimento 17, 68, 101, 119, 120, 122, 127, 128, 170, 176, 190, 192, 198, 200, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 244, 266, 271, 273, 274

D

Decolonialidade 189

Demanda 31, 68, 69, 75, 83, 118, 120, 128, 205, 206, 224, 225, 227, 231, 232, 233, 237, 244, 249, 252, 261, 266

Desenvolvimento sócio econômico sustentável 28

Direito à educação 77, 78, 79, 80, 84, 85

Direitos 7, 37, 69, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 84, 85, 88, 91, 115, 137, 139, 161, 164,

216, 217, 219, 220, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 268, 277, 278, 282, 285, 286

Discurso 94, 95, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 130, 132, 138, 142, 160, 164, 165, 167, 168, 190, 194, 195, 219

Documentações 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 12

E

Economia 29, 68, 69, 158, 166, 195, 198, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 229, 240, 243, 244, 252, 253, 265, 266, 267, 272, 274, 275, 279

Educação infantil 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Educação popular 130, 132, 135, 136

Eleição 3, 165, 166, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Emprego doméstico 254, 255, 256, 257, 258, 260

Empresas 54, 57, 58, 65, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 128, 137, 158, 162, 174, 175, 178, 182, 186, 192, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 209, 210, 217, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 237, 238, 252, 268, 269, 270, 271, 276, 280

Ensino superior 118, 120, 121, 122, 127, 128, 129, 262

Escalada em rocha 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 27

Escola 21, 22, 23, 79, 80, 84, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 128, 138, 156, 158, 192, 265

Estratégia 52, 57, 63, 136, 160, 161, 165, 184, 186, 192, 202, 208, 223, 233, 235, 237

F

Fronteira 8, 106, 177, 192, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 275

G

Geopolítica 160, 162

Gestão Municipal 277, 282, 283

Governança corporativa 265, 268, 269

Graduação 23, 41, 66, 67, 92, 93, 116, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 129, 148, 150, 153, 154, 155, 157, 195, 238, 287

I

Inclusão 72, 73, 76, 118, 122, 123, 129, 224, 258, 264, 267

Informação 2, 10, 19, 22, 42, 69, 86, 88, 91, 92, 108, 121, 122, 131, 140, 157, 169, 183, 254, 258, 259, 261, 262, 263, 267, 272

J

Janary Nunes 189, 190, 191, 193, 194

Jogos eletrônicos 42, 43, 44, 48, 50, 51, 62, 65, 66

L

Lazer 1, 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 35, 71

Legislação 4, 12, 68, 69, 75, 179, 188, 216, 219, 247

Leitura 59, 61, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 136, 148, 180, 264

Líder religioso 130

Logística 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

M

Marketing de relacionamento 197, 198, 199, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209

Maturidade 118, 119, 129, 198, 200

Mediador comunicativo 130, 132, 133

Mercado 30, 33, 36, 42, 44, 52, 57, 63, 69, 72, 73, 74, 76, 79, 87, 88, 121, 161, 162, 170, 178, 179, 191, 192, 193, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 244, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 260, 263, 272

Microempresa 224, 225, 226, 231, 238

Ministério Público 77, 78, 82, 83, 85, 183

Modernidade líquida 197

N

Narrativa interativa 42, 48

P

Pessoas com deficiência 68, 69, 72, 74, 75, 76, 220

Pluralidade histórica 144

Poder Judiciário 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 180, 181

Práticas alimentares 189, 190, 191, 193, 194, 195

Precarização 212, 216, 222, 223

Projeto 34, 38, 39, 40, 55, 132, 138, 142, 143, 174, 176, 194, 230, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 277

R

Relações sociais 16, 32, 33, 36, 98, 99, 100, 101, 114, 121, 156

Rotulagem de alimentos 86, 88, 89, 90, 91, 92

S

Sentido de pertença 144

Sociabilidade violenta 94, 99, 100, 103, 109, 115

Sujeito 94, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 128, 147, 161, 164, 165, 200, 248

T

Trabalho 3, 8, 22, 23, 25, 28, 29, 32, 35, 37, 38, 39, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 88, 92, 93, 95, 96, 99, 100, 103, 104, 107, 110, 113, 114, 121, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 147, 150, 153, 177, 183, 187, 189, 192, 197, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 228, 229, 238, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 273, 275, 277, 278, 280, 285

Turismo étnico cultural consciente 28

Turismo Internacional 1

U

Uberização 211, 212, 213, 216, 217, 219, 221, 223





Universidades 44, 86, 198

Urnas eletrônicas 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187





V

Violência física 94, 95, 96, 98, 103, 106, 107, 109, 110, 114

Vistos 1, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 36, 65, 145, 161, 215

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Sociais Aplicadas: As Relações como Meio de Compreender a Sociedade